

INFORMATIVO

FRANCISCO

INVERNO • 2016



E SANTANA

EDITORIAL

por Tereza Racy

“Pra mim
Basta um dia
Não mais que um dia
Um meio dia
Me dá
Só um dia
E eu faço desatar
A minha fantasia
Só um
Belo dia”

Esse trecho faz parte da música “Basta um dia” de Chico Buarque, composta para a peça Gota d'Água, encenada pela primeira vez no final dos anos 70 e no mês passado pelos jovens do 12^a ano. Trago no Editorial o trabalho do teatro do Ensino Médio de nossa escola, pelo seu significado. Significado de conquistas que dia a dia se consolidam na Francisco de Assis. Para nós basta um dia, um dia onde nossos horizontes se abrem e se abrindo nos permite, vislumbrando as possibilidades que se apresentam, corajosamente dar passos em direção a elas. Para nós, basta um dia para desatar a fantasia de uma sede própria que se construirá em meio à natureza, que nos acolherá com o carinho de uma mãe, que abraça seus filhos, mantendo suas raízes enterradas firmemente no solo, e os segura no confortável colo, onde a seiva da vida corre, sem perder a conexão com o cosmo.

Para nós basta um dia, um belo dia, passado à volta de uma fogueira, sentindo o calor do fogo que aquece os corações e que permite que quase toquemos com as pontas dos dedos a alma dos tempos antigos. É nessa conexão entre o terreno e o sagrado que o homem tem a possibilidade de refazer a sua ligação com o cosmo. Para nós, basta um dia para que, independentemente de acreditarmos ou não no que dizia Rudolf Steiner, possamos nos permitir aceitar o desafio de ao menos vivenciar o que ele nos propôs. Para nós, basta um dia...

ÍNDICE

03 - ÍNDICE / EXPEDIENTE

04 - REFLEXÃO DE ÉPOCA

Festa Junína

08 - O DESENNOLAR DE UM FIO MÁGICO

O Ensino Médio e a busca do verdadeiro

O Ensino de História como Prática da Liberdade

12 - A VOZ DA COMUNIDADE

O Lugar do Universo

14 - SEDE PRÓPRIA

Nosso desafio

19 - INSTÂNCIAS - CONSELHO DELIBERATIVO

20 - INSTÂNCIAS - DIRETORIA EXECUTIVA

21 - INSTÂNCIAS - GOVERNANÇA

22 - INSTÂNCIAS - CONSELHO DE PAIS (GrU-PÃO)

EXPEDIENTE

Editorial: *Tereza Racy*

Colaboradores: *Bernadete Megumi Kambe, Denise Seignemartin, Gabriela Nakamura, Kyrieh Tonelli Racy Ferreira, Leandro de Oliveira Kerber, Lourdes Maria Oliveira Freitas, Mônica Ballaminut, Monike Dutra, Patricia Sigl, Pedro Luiz Cerri, Sandra Regina da Silva Brugnoli Bouças, Sidnei Xavier dos Santos, Sol Horti e Rosa Crepaldi.*

Design: *Felipe Kertes*

Capa: *'São João' de Gustavo Santana / www.vimutti.com.br*

Fotos: *Arquivo EWFA*

O Informativo Francisco é uma publicação trimestral da Associação Humanista Francisco de Assis (EWFA).

Sugestões, comentários e críticas para secretaria@escolafranciscodeassis.com.br

Av. Basileia, 149 - Lauzane Paulista - São Paulo - SP
CEP 02440-060 / (11) 22310152 - (11) 22317276

www.escolafranciscodeassis.com.br

ERRATA

Edição de Outono:

A fotos da matéria 'Desabrochar de uma escola' foram feitas pela *Gabriela Nakamura*, todos os créditos a ela.



REFLEXÃO DE ÉPOCA Festa Junína

por **Patricia Sigl** (Profª Inglês),
Denise Seignemartin (Prof. Eúritmia e Tutora do 12W)
e **Rosa Crepaldi** (Prof. Maternal)

“**PARA QUE
ELE
POSSA
CRESCER,
EU PRECISO
DIMINUIR**”

Esta festa surge associada a tradições de países cristãos europeus que prestam homenagem a São João no dia 24 de junho. Originalmente, o evento era uma festa pagã que comemorava a chegada do solstício de verão no Hemisfério Norte. Transportada para o Hemisfério Sul, a data foi associada ao solstício de inverno.

Com a evangelização da Europa, na Idade Média, o ritual pagão foi incorporado ao calendário cristão. No dia 24 de junho, comemora-se o nascimento de São João Batista. Logo, outras datas do mês foram associadas a santos populares: o dia 13 é dedicado a Santo Antônio; o dia 29 a São Pedro e São Paulo; e o dia 30 homenageia São Marçal, bispo de Limoges do século III, que se tornou um santo muito venerado no Maranhão. O encontro entre festas cristãs de santos e folguedos pagãos recria novas práticas culturais até nossos tempos.

Os rituais trazidos principalmente por portugueses, mas também por espanhóis, holandeses e franceses, deram origem a diversos tipos de celebrações em várias regiões do País. A mistura entre índios, africanos e europeus fez surgir no Brasil grandes

expressões artísticas.

Mas quem era João Batista?

João é considerado o último dos profetas da época pré-cristã. A voz que clama no deserto anunciando a nova era. O próprio Cristo explica para o povo que João é mais que um profeta: “Eis que eu envio meu mensageiro à tua frente, ele prepara o teu caminho diante de ti” (Lucas 7:27-28). Ele é quem batiza Jesus nas águas do Jordão, na Galileia. Reconheceu nele o Cristo, que legou à Humanidade a poderosa imagem do Novo Homem, aquele que será preenchido pela sua natureza divina, que se desenvolverá a partir da expressão das suas próprias forças e que tomará nas mãos a própria vida, guiando-se pelo impulso do amor e da fraternidade. “Para que Ele possa crescer, eu preciso diminuir”. Estas são as palavras de João referindo-se ao crescimento do Eu Superior, a centelha divina, o mais íntimo e sagrado elemento em nós, que irradia sua luz e significado sobre todos os eventos de nossa biografia e que nos eleva internamente a regiões onde nos sentimos unidos aos seres divinos, e com eles traçamos uma vida nova em direção a um futuro que queremos.

“Vim ao mundo preparar o caminho para o Cristo. Vim por entre os homens para dizer-lhes que um novo impulso entrará na corrente dos seres humanos. Anunciei que o mundo espiritual está próximo e que as pessoas devem mudar as suas concepções. Venho proclamar uma vida nova que será o Eu renascido na humanidade”. Assim falou João Batista de si próprio e de sua missão. Desde aquela época, uma luz espiritual cósmica penetrou na escuridão da Terra, em cada fruto da Terra, criando assim um novo centro luminoso e que brilhará espiritualmente para todo Universo. Com essa imagem de algo que se irradia para o universo pode-se fazer uma analogia com a fogueira de São João.

A festa junina na escola Francisco de Assis

Sabendo do grande valor cultural e artístico que essa época nos propicia e de seus valores intrínsecos, a festa é planejada com bastante antecedência buscando homenagear um dos Estados do nosso País

O tema já vai surgindo no ano anterior e durante as férias de verão são feitas as

pesquisas para dar início, logo em fevereiro, ao planejamento do processo criativo.

Semana após semana, durante os meses de fevereiro e março são discutidas as informações do material coletado com uma equipe de criação artística específica. Este projeto é apresentado ao corpo pedagógico no final de março. Em seguida é comunicado ao Conselho de Pais (Gru-PÃO) que se encarrega de formar grupos de trabalho, atendendo assim com engajamento e dedicação às necessidades de tal empreitada.

Na etapa seguinte, a equipe de criação dá forma ao enredo do Ensino Fundamental, definindo músicas, coreografias, elementos que possam aproximar-se da cultura daquela região como brincadeiras e brinquedos do local. Da mesma forma organiza-se a proposta pedagógica para o Ensino Médio. Chega então o momento de definir as cores que formarão a paleta dos nossos figurinos.

Em maio, iniciam-se as vivências com os professores, buscando a cada reunião envolver o corpo pedagógico com o alimento anímico da época.



Foto: Gabriela Nakamura



Começam-se também os ensaios musicais com o coral e músicos selecionados para tocar na apresentação do Ensino Fundamental. Inclusive os próprios alunos do 8º ano e todo o Ensino Médio iniciam o trabalho artístico que irão apresentar.

Finalmente, em meados de maio, logo após Pentecostes, dá-se início aos ensaios com as crianças do Ensino Fundamental até 7ºano.

Assim a Escola toda vai se aquecendo, dançando, cantando, construindo suas lanternas, colando fitas nas suas roupas juninas, aprendendo novos ritmos, superando desafios, preparando-se para a grande comemoração da Festa de São João!

O despertar da “luz interior”

Esta também é a mensagem que nos traz a Festa da Lanterna onde pais e alunos do Jardim de Infância preparam lanternas, acendem a luz uns dos outros e caminham pela escola espalhando luz, calor e músicas para os amigos familiares e toda a comunidade.

Festa tradicional que acontece nos Jardins de Infância das Escolas que aplicam a Pedagogia Waldorf. É uma festa importada da Europa, comemorada na época de São Martinho, no mês de Novembro.

Ela tem o significado da busca e o despertar da “luz interior” em cada um de nós.

Aqui no Brasil, comemoramos nessa época do ano (misturando um pouco com as festas Juninas), pois agora os dias são mais curtos, frios, escuros. Sentimos que nossos poros se fecham para tudo, ficando dentro de nós a esperança de um brotar novo na Primavera. Nos tempos difíceis de hoje, muitas vezes nos sentimos sós, desamparados e sem esperanças. Parece que a nossa chama interior da fé se apagou com as tempestades e os ventos da vida. Como reacender esta chama?

É esse o tema da história “A Menina da Lanterna”, contada através de um teatro, encenada pelos pais de nossa escola, para os pequenos.

A menina passeia com sua luz, mas o vento, como uma barreira e obstáculos da vida, apaga esta luz, deixando sua alma tateando na Terra.

Neste momento, entram os instintos do homem (egoísmo, pensar obscuro, astúcia) representados pelos animais que a menina encontra pelo caminho, impedindo-a de encontrar a luz desejada.

Ao mesmo tempo, ela ouve o coração do Universo e se anima novamente, passando pelo caminho do pensar, sentir e querer, um trajeto árduo, difícil para chegar a tão desejada luz (encontro com o Sol – impulso Crístico).

Assim que ela adquire a luz, faz o caminho de volta, ajudando a todos a reencontrar a luminosidade, o fluir do pensar e o domínio dos impulsos.

Assim como nesta história, vamos acender na lanterna do nosso coração, a luz que pode guiar nossos passos na noite escura da alma.

2016 - Homenagem ao Maranhão!

Este ano a Escola Waldorf Francisco de Assis homenageia o estado do Maranhão com a sua mais rica manifestação da cultura popular: o Bumba Meu Boi.

O “Boi” é uma grande celebração na qual se fundem fé, festa e arte, numa mistura de devoção, crenças, mitos, alegria, cores, dança, música, teatro e artesanato. Ele trouxe uma interação das várias disciplinas vivenciadas numa escola Waldorf.

A confecção da carcaça do Boi, dos instrumentos musicais, do bordado no couro do Boi e da indumentária dos brincantes, comprova o poder criativo dos protagonistas (alunos, professores e pais) desse espetáculo da cultura popular maranhense.

A brincadeira do boi no Maranhão é, por excelência, popular. Nela, toda a comunidade apresenta uma festa feita pelo povo e para o povo.



Livia G. F. Campanholi / Maio 2016



Em uma aula de 10º ano, ao se tratar da epopeia de Gilgamesh em paralelo ao relato bíblico de Noé, um aluno pergunta: “Qual é o verdadeiro?”. As semelhanças estruturais entre as duas obras saltam à vista, embora os detalhes se diferenciem. O aluno insiste na pergunta, enquanto seus olhos vagueiam entre o professor na frente da sala e os textos em sua carteira. O professor devolve a pergunta, acrescentando dados históricos. O aluno fica mais perplexo. A aula termina.

Nesse breve relato verossímil mora o que se entende como essencial para um Ensino Médio Waldorf: a verdade a que se alude quando repetimos as palavras de Steiner para o terceiro setênio (“O mundo é verdadeiro”) nada mais é que a conquista de um pensamento autônomo propiciado pela demonstração do mundo através do professor. Mais que uma resposta, o que o aluno precisa nesse momento é de espaço para o pensar, um campo fértil onde suas ideias possam brotar e serem testadas, descartadas, aceitas. É necessário entender que essa é ainda uma fase de busca, não de conquista. É uma qualidade de pensamento que se pretende atingir.

O método, portanto, a que se recorre no Ensino Médio Waldorf é de fundamental importância. Diferente dos métodos tradicionais, em que a excelência se mede por fatores mnemônicos, com o foco voltado exclusivamente a avaliações quantitativas, na escola Waldorf o jovem é instigado a aprimorar o seu pensar por lhe ser permitido construir os conceitos com esforço próprio, sem as definições universalistas e categóricas apresentadas por um professor.

O professor de Ensino Médio, nesse sentido, tem um papel especial e singularmente difícil. Ao mesmo tempo que precisa ter total domínio de sua matéria, pois o jovem agora tem um olhar mais apurado sobre o que significa excelência, o professor também precisa praticar um constante exercício de autodesenvolvimento, de modo que consiga ensinar com riqueza de perspectivas sem o ímpeto narcisista de fechar os conceitos antes que os alunos possam chegar a eles. Não se deve acreditar ingenuamente que os conteúdos falem por si. Não falam. O modelo esboçado por Steiner, inspirado no método científico de Goethe, pressupõe uma intensa participação do pensar ativo do ser humano na produção do conhecimento.

Nossa mente não é um receptáculo de ideias, mas sua real produtora, muito menos que um vaso, muito mais que um rio.

Faz-se compreender, dessa forma, que a pergunta sobre o verdadeiro expressa pelo aluno é já o próprio conhecimento em ação. Para cada ano do Ensino Médio, desde o 9º ano, é evidente que a qualidade das perguntas vai se modificando, considerando-se em especial a antropologia do jovem em cada fase. Se de um 9º ano podemos ainda esperar algo muito unilateral, preso muito fortemente a um elemento físico e concreto, com julgamentos categóricos e muitas vezes polares (“Medeia deveria ter matado Jasão e não seus filhos, mas certamente ele vai sofrer muito mais por ter perdido os filhos”), de um 12º ano já se espera um pensamento bem mais emancipado, abrangente, com perguntas mais voltadas à construção do futuro, ao entendimento de si e do outro, como costuma ocorrer, por exemplo, na elaboração dos Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC's), em que muitas vezes surgem ideias sobre e para o mundo.

Os riscos para o caminho estão aí, porque o próprio mundo os apresenta. Fazem parte da trajetória humana, como afirma Steiner. No entanto, engajar-se no ensino com jovens de modo a fortalecê-los para a luta contra as forças que os desviam é o que há de mais verdadeiro em um Ensino Médio Waldorf. Seu modo de ser é esse porque o conhecimento verdadeiro se dá nas escolhas que o homem faz. Para o jovem, cabe-nos apresentar o maior número de escolhas.

VER DA DEIRO



“ Nossa mente não é um receptáculo de ideias, mas sua real produtora, muito menos que um vaso, muito mais que um rio ”



O Ensino de História como Prática da Liberdade

por Solania Horti Neri dos Santos
(Prof.de História e Sociologia do Ensino Médio)

Rudolf Steiner aponta uma significativa transformação no modo de pensar da criança por volta dos 12 anos. Nessa fase suas forças etéricas se voltam para o intelecto e possibilitam a elaboração de pensamentos abstratos.

Na escola Waldorf os alunos, a partir do 6º ano, são levados a observar o mundo pelos sentidos e, através do exercício do pensar, interpretá-lo. Como o próprio aluno é o ponto de referência, esse método exercita a capacidade de chegar a pensamentos livres sobre os assuntos estudados. Cada aluno pode ler a realidade a partir do seu ponto de vista.

Dessa forma, a Pedagogia Waldorf estimula a curiosidade do aluno sobre tudo o que o rodeia. Nosso aluno não é um mero receptáculo de informações a serem reproduzidas numa prova, a fim de provar que ele “tem” este ou aquele conhecimento, muito

menos um ser passivo, que apenas espera receber algo no processo de aprendizagem.

Nosso aluno é estimulado a ter uma alma de cientista, a ser criativo e interessado pelo mundo, capaz de pensar o novo e não apenas de reproduzir o que o que já foi pensado.

Em seu livro, O Estudo Geral do Homem, Rudolf Steiner descreve como missão dos professores preparar as futuras gerações para tomar as atitudes necessárias no seu tempo. Portanto, os professores têm papel fundamental no desenvolvimento de todos os aspectos da humanidade, sejam sociais, econômicos, culturais entre outros.

Mas como isso se aplica na prática pedagógica?

Nas aulas de História, por exemplo, os alunos são levados a vivenciar os fenômenos históricos, a fim de absorverem todos os

elementos da vida dos mais diferentes povos das diversas épocas.

Ao compreenderem os elementos concretos da vida cotidiana, os alunos podem inferir a cultura e o pensamento de cada povo. Contextualizando os povos, sua cultura e pensamento no espaço e no tempo, os alunos percebem naturalmente os movimentos da História que, agora, saltam aos olhos. Como detetives, eles percorrem a História da Humanidade, prevendo os acontecimentos, as atitudes dos personagens e suas estratégias.

A História apresentada dessa forma coloca o ser humano no centro do processo histórico, como sua causa e consequência. Os alunos percebem claramente as ações dos sujeitos históricos e, mais do que isso, identificam-se e se reconhecem como tal, capazes de escrever a história e de deixar um legado. Ao se enxergarem assim, podem vislumbrar onde querem atuar no mundo e como será essa atuação. Surge, então, uma profunda reflexão sobre a

relação entre o indivíduo e a sociedade, através das perguntas: *Qual sociedade eu quero? O que eu farei para construí-la? Como irei contribuir?*

Tais questionamentos povoam a cabeça do aluno Waldorf e fazem sua alma desenvolver seu próprio idealismo, tendo a si próprio como referência.

Portanto, podemos afirmar que o ensino de História numa escola Waldorf é um exercício de liberdade, que encoraja e capacita os alunos para enfrentarem os desafios da sociedade moderna. E só um ensino que promove tal liberdade pode formar alunos capazes de buscar novas soluções para os dilemas da Humanidade, colocando em prática sua criatividade e imprimindo no mundo sua marca.

Dessa forma, mais do que treinados para uma prova, os alunos Waldorf são preparados para a vida levando em consideração toda a sua complexidade.

Qual sociedade
eu quero? O que eu farei
para construí-la?
Como irei contribuir?



A VOZ DA COMUNIDADE

O Lugar do Universo

por **Leandro de Oliveira Kerber**, doutor em astrofísica e professor titular da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC) em Ilhéus/BA, e atualmente pós-doutorando no Instituto de Astronomia, Geofísica e Ciências Atmosféricas (IAG) da Universidade de São Paulo (USP)

Noite Estrelada, Vincent van Gogh, 1889

Quando criança tive a felicidade de crescer e morar com a minha família em uma casa com um belo e grande quintal, localizada em um pacato bairro residencial, sem prédios e suficientemente afastado das luzes do centro da cidade. Estimulados pelos nossos pais, eu e meu irmão contemplávamos o nascer e o pôr do sol em lados opostos do céu, e ao cair da noite, procurávamos a lua em formato de “C”, baixinha no horizonte, ou nos encantávamos com ela surgindo redonda, avermelhada e brilhante.

Nas noites sem lua, a cortiça era ainda maior: íamos para o quintal e nos maravilhávamos com o céu noturno. Nos alegrávamos com estrelas de diferentes brilhos e cores, a maioria cintilantes, mas outras não. Reconhecíamos constelações, e outras nós mesmos criávamos. Nos espantávamos com uma imensa mancha esbranquiçada que cruzava o firmamento, e nos surpreendíamos com estrelas cadentes que surgiam e desapareciam deixando o seu rastro. A experiência de contemplar a beleza daquilo que estava sobre as nossas cabeças, e que não podíamos tocar, me remetia a um profundo sentimento de paz e de conexão com

um todo, absolutamente inexplicável, mas totalmente perceptível. Pode-se dizer que começava ali minha carreira como astrofísico e amante do céu e do universo.

Naquela época, com menos de 10 anos de idade, eu não tinha a clareza sobre o significado daquelas vivências. Hoje tenho consciência de que estávamos revivendo a gloriosa e sublime tradição milenar de contemplar, aprender e se encantar com o céu noturno, algo presente desde que o ser humano voltou os olhos para cima no meio da escuridão da noite. Um gesto simples, porém decisivo para moldar não apenas as mais diversas culturas humanas, mas a própria espécie.

Talvez o aspecto mais evidente desta íntima relação do ser humano (e dos seres vivos em geral) com o céu seja o fisiológico, pois a alternância entre presença e ausência do sol nos faz estar acordados ou sentir sono em um ciclo que convenciamos chamar de dia. Outro exemplo interessante, forjado ao longo de milhares de gerações, diz respeito à fertilidade feminina e o ciclo lunar: as noites mais propícias para ausência (ou presença) do homem na tribo devido à

facilidade (ou dificuldade) de caça noturna estavam diretamente relacionadas com a lua cheia (ou nova), e portanto é muito provável que isso tenha moldado o ciclo menstrual da mulher para que houvesse uma chance maior dela engravidar quando o homem estivesse por perto.

Outro ciclo astronômico profundamente decisivo para a nossa sobrevivência e identidade, tanto do ponto de vista físico quanto simbólico, é o anual, marcado não apenas pela variação na duração dos dias e das noites e posição do nascer e por do sol, mas também pelas estrelas e constelações visíveis em cada época do ano. Graças a isso, muito antes da invenção dos modernos calendários, as estações foram nomeadas, sendo possível prever com boa precisão as épocas de seca e chuva, de plantio e de colheita, de frio e de calor. Aquelas observações não apenas permitiam tais previsões, mas sobretudo abriam um canal mágico para projeção e construção de lendas e mitos no firmamento, em uma época onde não havia uma nítida separação entre o céu e a terra na cultura ocidental.

Neste sentido, duas datas no ano se tornaram muito marcantes: os ditos *solstícios* (do latim, “sol parado”). É justamente nelas que se tem os extremos na duração do dia

UNIVERSO

(intervalo de tempo em que o sol está acima do horizonte) e da noite, marcando o início do verão (21-22/dezembro*) e do inverno (20-21/junho*). Enquanto no solstício de verão temos o dia mais longo (e a noite mais curta), no solstício de inverno temos o oposto, ou seja, a noite mais longa (e o dia mais curto). Não é à toa que o Natal e as festas juninas foram escolhidos para praticamente coincidir com estas datas, uma vez que suas origens são muito anteriores, ligadas a celebrações pagãs (termo que significa da aldeia) de colheita e retorno do Sol

na era pré-cristã.

Ou seja, quando neste mês estivermos celebrando São João e os demais santos juninos, na realidade estaremos, em última análise, revivendo festivais ancestrais de celebração da conexão entre o homem e a natureza.

Promover esta reconexão é absolutamente essencial nesta época de crise humana e ambiental, principalmente em centros urbanos, onde as pessoas estão sendo ceifadas do ar puro, do canto dos pássaros, do verde das matas, e de um céu limpo e escuro. Graças às invenções da modernidade, como o telescópio, satélites e o computador, nunca em nossa história tivemos tanto conhecimento científico sobre o universo. Paradoxalmente, jamais estivemos tão distantes do céu.

Como pai de dois meninos (3 e 11 anos), alegro-me profundamente que a pedagogia Waldorf contemple no seu currículo o ensino de astronomia, especialmente no 6º ano. Em particular, sinto uma enorme satisfação em saber que a abordagem deste ensino está baseada na observação e contemplação do céu e nas descobertas que estas experiências proporcionam. Como astrofísico

reconheço a importância de conhecermos o nosso lugar no universo, fisicamente falando. Porém, como ser humano e amante do céu, acredito que a verdadeira experiência transformadora seja buscar o lugar do universo em nós, algo que somente a vivência com o céu ensina.

*No hemisfério norte as estações do ano, e portanto as datas de solstício, são invertidas em relação as do hemisfério sul.



SEDE PRÓPRIA O Nosso Desafio

por Tereza Racy

“Somos escravos do passado, mas donos do nosso futuro”.

Rudolf Steiner

Acabo de assistir ao documentário “O Desafio de Rudolf Steiner”, escrito e narrado por Jonathan Stedall, onde de forma dinâmica e clara, alinhava o pensamento de Steiner em todas as suas áreas de manifestação. Uma aula magna.

Mas qual seria a razão de trazer esse documentário para falar sobre o caminho percorrido da aquisição do terreno à construção de nossa futura sede própria? Exatamente o seu título, mas, redesenhado: O desafio de **vivenciar** o conhecimento que nos foi legado por Rudolf Steiner, colocando-o à serviço do mundo. Este é o grande desafio da Antroposofia: o conhecimento do homem.

Na reflexão sobre os 30 anos contamos nossa história e somos cômnicos que estamos escrevendo nosso futuro. E o nosso futuro, como uma Escola orientada pela pedagogia Waldorf, está também em buscar o nosso espaço junto à Natureza, a grande mãe e com isso, proporcionar aos alunos a vivência integral dessa proposta pedagógica. Não que isso não aconteça hoje em nossa escola. Nela, em cada momento, um pequeno encanto acontece. Milagres diários são realizados pelos membros que compõem

esta bela comunidade, que amenizam a dureza imposta pelas linhas retas do concreto do enorme prédio que há anos nos acolhe. Uma florzinha aqui, outra ali, uma horta no pátio dos fundos, quadros, tecidos coloridos, tules, trabalhos dos alunos espalhados pelos grandes painéis nos corredores, tudo contribui para que a escola tenha uma aparência acolhedora. Tudo são carinhos feitos para que os nossos alunos tenham a possibilidade de se aproximar da natureza.

Permito-me fazer, neste momento, um recorte para lembrar que Steiner também olhou para a Arquitetura, cujas formas orgânicas se encontram vivificadas no Goetheanum, em Dornach, na Suíça, sede mundial da Antroposofia. Resumidamente o seu pensamento pode ser traduzido pela reflexão feita pelo Professor e Arquiteto da escola Luis Horário Gómez de Cali, na Colômbia, Enrique José Castro quando diz “que a Arquitetura da escola tem que refletir a necessidade de integração entre a missão da Educação Antroposófica e o espaço onde ela acontece.” E arremata, solicitando que cada um de nós pensemos “no sentido de buscarmos uma educação para a liberdade, utilizando espaços que oprimem”.

Assim, vivenciar a pedagogia em nossa própria casa, em nosso pedaço de terra, será a concretização de um sonho de muitos anos. E isso trará para os alunos, desde a mais tenra idade até os jovens, que têm as vivências curriculares e extra-curriculares em espaços no interior de São Paulo ou mesmo em outros Estados, a riqueza de usufruir diariamente do contato com aquela que é a nossa grande mestra, a Natureza.

Ouvir os gritos das crianças pequenas em tanques de areia e jardins cercados por uma pequena floresta. Observar alunos vestidos com suas galochas, carregando seus instrumentos para o cultivo da horta e a jardinagem que atrairão, certamente, pássaros e insetos dos mais diversos. Perceber a seriedade dos jovens no trabalho com a agrimensura, agrofloresta e silvicultura, surpreendendo-se, por vezes, ao ver as famílias de bugios e saguis pulando pelos galhos da mata preservada. A possibilidade da cura da terra com a Agricultura Biodinâmica são algumas das vivências de fundamental importância para o desenvolvimento de todo ser humano. As observações feitas junto à natureza,

suas formas, cores e sons têm relação direta com o crescimento criativo, saudável e em liberdade dos alunos.

Segundo Stedall, quando Emil Molt pediu para que Rudolf Steiner criasse uma escola para os filhos de seus funcionários, manifestou o desejo de “que os preparasse para a vida no seu sentido mais amplo. E a vida em toda a sua essência significa educar as mãos e os corações, além de educar a cabeça”.

Para Steiner, o desenvolvimento infantil não é só o crescimento em que se aprende os caminhos do mundo. Compreende também o crescimento interior das crianças, dando oportunidade que elas agreguem à sua vida a sua própria biografia. E esse caminho não se constrói de um momento para o outro, acelerando os processos de seu próprio desenvolvimento. “É necessário tempo para se construir uma estrutura firme e forte para que cada criança, além de ter a possibilidade de enfrentar o mundo, também possa desenvolver a força de caráter necessária para talvez mudá-lo”, ressalta Stedall em seu documentário.



Foto: Kyrleh Tonelli Racy Ferreira

Enfim, há um infinito número de razões pedagógicas e humanas para que tenhamos escolhido um terreno em meio à abundante natureza da Serra da Cantareira.

O caminho.

Numa parceria com a Fundação Software AG, apoiadora das iniciativas antroposóficas, a Associação Humanista Francisco de Assis, em 2002, adquiriu o seu primeiro terreno, na Av. Nova Cantareira, 7000, na Zona Norte de São Paulo, esperando ver se concretizar o sonho de ter sua sede própria. O arquiteto Enrique José Castro, acima citado, na ocasião se prontificou a doar o projeto arquitetônico. Em 2009, passados oito anos, portanto, sem que tivéssemos conseguido empreender a obra, uma mudança na Lei de Zoneamento, inviabilizou a construção naquele local de uma escola, nos moldes por nós desejados. Assim, a Comissão de Sede Própria, ponderando os gastos e a impossibilidade de se ver construída a escola com o clique de 12 anos, consultou a comunidade sobre a possibilidade de venda do terreno, ante o interesse de um empreendedor estranho à nossa comunidade. Mesmo assim, foi concedido a essa um prazo para indicações de pessoas interessadas na aquisição do terreno. Vencido sem indicação, a Comissão iniciaria o processo de venda do imóvel, o que efetivamente ocorreu. A partir desse momento iniciamos a busca de novos locais para sediar a nossa escola. Muitas foram as possibilidades, mas os valores e metragens não condiziam com nossa realidade financeira, inviabilizando o fechamento de qualquer negócio, na cidade de São Paulo.

A Professora Denise Seignemartin, presente na festa de uma ex-aluna, contou ao pai dela, Sr. Dinarte Bonetti Junior, o nosso desejo em encontrar um espaço para a nova sede. Esse lhe perguntou se já havíamos pensado na Serra da Cantareira, o que de pronto despertou o seu interesse, posto que o local seria ideal para o desenvolvimento das atividades pedagógicas, abarcando todas as balizas da Pedagogia Waldorf.



Em 31 de março de 2011, houve uma reunião das instâncias da Escola (Conselho Deliberativo, Diretoria Executiva e Grupo de Professores) com a comunidade onde se comunicou a possibilidade da aquisição um terreno para a construção de nossa sede. Neste encontro os professores apresentaram a proposta de um projeto ampliado para aplicação da pedagogia, em um espaço de 37 mil metros quadrados de área verde, com a possibilidade de se construir sete mil e quinhentos metros quadrados, numa linguagem arquitetônica antropológica. Após, a Diretoria Executiva apresentou os passos que foram dados para garantir a viabilidade legal de se construir uma escola na Serra da Cantareira, convidando os pais que não puderam estar presentes no encontro para um novo, após o que seria marcada a Assembleia Geral para a aprovação da compra do terreno.

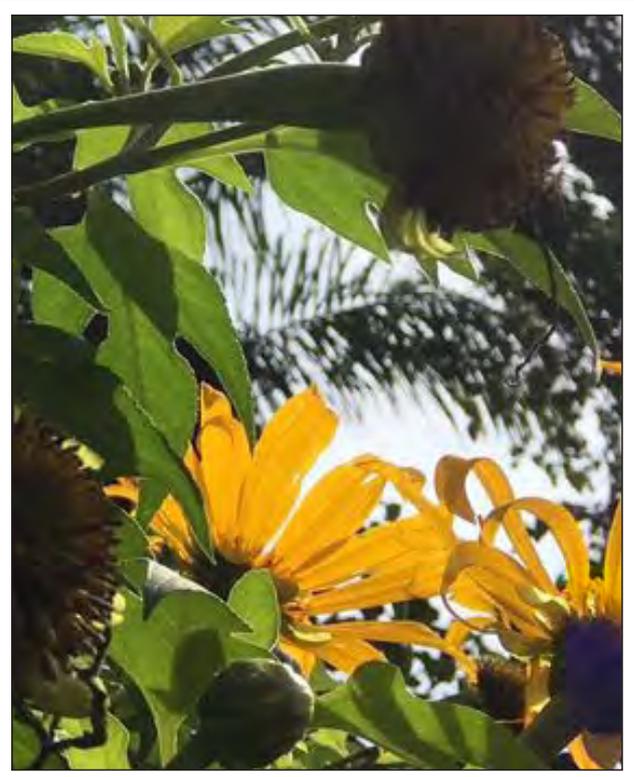
Aprovada, fechado o negócio, iniciamos a elaboração do projeto arquitetônico, com o professor Enrique José Castro. Concluído o projeto, este foi encaminhado aos órgãos competentes para aprovação, o que aconteceu no final de 2013 (Cetesb) e começo de 2014, Prefeitura de Mairiporã.

Ao iniciarmos o corte das árvores, enfrentamos várias manifestações vindas de pessoas envolvidas com a defesa do Meio Ambiente, não obstante todo o nosso cuidado em seguir as regras impostas pela Cetesb e legislação pertinente. Adquirimos mais alguns lotes de terrenos para que a compensação fosse feita no próprio local, não mais observando o limite de preservação 50% de mata, como exigia a legislação, mas 75%, como exigido pelo Meio Ambiente. Conversamos com representantes de moradores da Serra da Cantareira. Fomos convidados pelo Conselho do Meio Ambiente de Mairiporã, onde expusemos as razões de nossa escolha e toda a licitude dos passos dados para a aquisição e aprovação do projeto. Hoje temos um terreno cujo projeto preserva praticamente 80% da mata, com 7,5 mil metros quadrados de futura construção.

Finalizamos os projetos estrutural, hidráulico e elétrico.

Não obstante todos os esclarecimentos feitos, houve uma denúncia no Ministério Público de São Paulo contra a Cetesb e a Belvedere da Cantareira (então proprietária dos terrenos), que instaurou uma Ação Civil Pública Cautelar Inominada no sentido de obstar qualquer ação no terreno, o que foi deferido em sede liminar, até que se verificasse se houve ou não o alegado ferimento das leis ambientais. O processo se encontra aguardando a manifestação do Ministério Público, após o que deverá haver apreciação pelo Juiz da 1ª Vara de Mairiporã. Diante disso, somente após a sentença poderemos dar continuidade ao nosso tão sonhado projeto de construir a nossa futura sede.

São desafios que nos impõe o mundo e que temos que ter paciência e sabedoria para entendê-los. Rudolf Steiner não conquistou seu espaço da noite para o dia, o que facilmente se compreende. Nem nós, pretendemos que isso aconteça. Cada dia traz a sua cota de trabalho e, coerentemente com o que acreditamos, colocamo-nos à disposição para realizá-lo.



Prestando contas.

Apresentamos a planilha* dos gastos feitos desde a aquisição do primeiro imóvel, destinado à nossa futura sede, até o presente momento, reconhecendo a importância em dar conhecimento do quanto de investimento financeiro foi realizado. Ressaltamos também que o comprometimento do trabalho voluntário dos pais e professores que estiveram (e os que ainda estão) envolvidos no projeto, foi essencial para chegarmos ao que realizamos.

Para conhecimento a Comissão de Sede Própria está composta pelos seguintes membros, em ordem alfabética: Álvaro Manuel do Rosário Prino, Denise Seignemartin, Dinarte Bonetti Junior, Mara Cristina Cardoso, Mônica Ballaminut, Renato Pignataro Bastos, Sônia Herbst Carnielli e Tereza Cristina Tonelli Racy.

Linha do Tempo - Sede Própria - abril de 2002 a abril de 2016**RECEITAS**

2001 a 2016	Contribuições mensais	715.647,75
2002	Doação Alemanha - Fundação Software Ag. Stiftung	110.000,00
2002	Taxa de conversão	67,36
2002	Montante em reais	234.046,59
2002 a 2006	Rendimento aplicação financeira BB	102.909,17
2003	Devolução Imposto Renda retido indevidamente	7.340,59
2003	Bingo	3.927,00
2005	Venda de sucatas e latinhas	367,60
	Rifa DVD e Bicicleta	5.337,86
2007	Encerramento conta BB - transf. Saldo Unibanco	896,94
2010	Venda Terreno Av. Nova Cantareira	1.625.677,58
2010 a 2016	Rendimento aplicação financeira Itaú	336.920,37
2011	Rifa Tablet	3.048,00
2014 a 2015	Doação do Grupão para Sede Própria	789,25
2014	Restituição pagto IPTU terreno vendido	66.230,46
		3.103.139,16

DESPESAS

2002 a 2008	Compra do terreno Av. Nova Cantareira <i>(ACORDO PAGTO: inventariante/honorários advocatícios/ ITCMD/Custas processuais/Inventariante/IPTU dívida ativa)</i>	436.411,36
2002	Consulta no Ceuso	400,03
2002	Recolhimento simples sobre valor recebido de doação	15.440,00
2002 a 2007	Tarifa c/c + CPMF	3.050,74
2002 a 2010	IPTU+Tx. Lixo	152.173,34
2002 a 2010	Água + Luz + Caseiro	67.430,67
2003 a 2005	Dr. Carlos	3.366,17
2004	Agrimensura	1.773,00
2005	Regularização Construção(Sr. Eduardo)	5.000,00
2005	Levantamento Topográfico	2.400,00
2005	Identificação Arborea	1.034,25
2005	Arquiteto Enrique de Castro (passagem aerea)	1.624,00
2005 a 2007	Projeto Jardim - HABITAT	13.440,00
2005 a 2010	Materiais Diversos	10.282,73
2006	Escritura Terreno	6.500,00
2006	ITBI	42.745,56
		763.071,85

2011 a 2014	COMPRA TERRENOS AV. ROSEIRA	1.575.000,00
2011 a 2014	Projeto Arquitetônico - Dinarte	50.000,00
2011 a 2015	Projeto Arquitetônico - Enrique de Castro (+Passagens Aereas + Projeto Criação)	123.544,90
2011 a 2015	Radiestesia	629,80
2011 a 2012	Projeto Fossa	5.000,00
2011	Medição Serviços de Sondagem	4.618,12
2011 a 2013	Projeto Preservação e Compensação Ambiental	15.300,00
2011 a 2014	Taxas aprovação CETESB+PREFEITURA e outros	19.157,96
2011 a 2015	Cópias, Impressões, Desenho Autocad, Projeto Maquete, Denise Viagem + Subst. e outros	15.956,83
2011 a 2015	Outras Despesas (Placa Futura Sede Própria, Pedra Fund. e outros)	2.639,46
2011 a 2016	IPTU	46.036,27
2012	Projeto Terraplanagem	6.600,00
2012	Poço Artesiano - Outorga	10.060,00
2014	Escritura Terrenos	55.284,92
2015	Projeto estrutural e Hidraulico	200.048,50
2015	Corte Arvores	40.000,00
2015	Projeto Elétrica+cópias+Tx. Bombeiros	72.572,40
		2.242.449,16

SALDO		97.618,15
--------------	--	------------------

* Colaboração Mônica Ballaminut

**Caros Pais, Professores, Alunos,
Ex-Alunos, Funcionários e Amigos da
Escola Waldorf Francisco de Assis.**

Solicitado a escrever algumas palavras sobre o Conselho Deliberativo devo dizer que vou colocar aquilo que entendo e sinto e qual a razão de ter um Conselho Deliberativo na Escola.

Como a própria palavra está revelando um conselho é formado por pessoas que tem experiências diversas pelo convívio em Escolas Waldorf em seus diversos âmbitos.

O Conselho Deliberativo tem o objetivo precípuo de promover o crescimento da Escola através do aconselhamento, orientação e auxílio aos Professores, Pais e Administração (Diretoria Executiva).

Por estar de fora do cotidiano da Escola, o Conselho tem a propriedade de ter um olhar diferenciado dos demais âmbitos, alertando para que determinados problemas sejam evitados e para aqueles que estão instalados, o Conselho pode trazer soluções novas, auxiliando sem o envolvimento direto.

É importante o conhecimento antroposófico e sua aplicação para o correto encaminhamento das questões que convivem no Conselho, trazendo o equilíbrio necessário nas recomendações às áreas executivas da Escola.

Não esquecendo nunca que o ponto central da Escola é a criança.

É desejável que o Conselho seja formado por Professores, Pais e Administradores atuantes ou que já atuaram na Escola e, se possível, um amigo da Escola que já a conheça, mas não teve a oportunidade de convivência com ela.

Fazendo parte do atual Conselho acredito que temos um grupo de pessoas empenhadas em trazer para a Escola suas experiências, visando a sua evolução. Nosso trabalho está no início e estamos buscando elaborar um diagnóstico da situação atual dos diversos âmbitos da Escola para melhor orientar nossas ações futuras, entendendo que temos um grande desafio no sentido de empreender nossa nova Sede Própria.

Um grande abraço a todos.

Pedro Luiz Cerri

INSTÂNCIAS CONSELHO DELIBERATIVO

por Pedro Luiz Cerri
(fundador da EWFA)

INSTÂNCIAS DIRETORIA EXECUTIVA

por *Monica Ballaminut*

POR QUE NOS FILIARMOS À ASSOCIAÇÃO HUMANISTA FRANCISCO DE ASSIS - AHFA?

Essa pergunta deve viver em muitas pessoas de nossa comunidade escolar. Para a reflexão da resposta talvez outras tantas perguntas sejam necessárias: Por que me tornei um pai ou professor desta escola? Foi uma decisão consciente? Qual é o meu papel nessa organização socio/cultural e como eu o tenho exercido? O que esperar da educação baseada na pedagogia Waldorf?

Segundo Lex Bos, **Pedagogia Social** “significa lidar de tal forma conosco mesmos, com seres humanos e com perguntas, que o nosso próprio agir possibilite o sadio desenvolvimento de outras pessoas e das condições sociais”. Esse pensamento de inspiração antroposófica está fundamentado no conceito da “Trimemoração do Organismo Social” elaborado por Rudolf Steiner, no qual a vida cultural (que compreende a educação pela pedagogia Waldorf) é parte do tripé, junto da vida jurídica e da vida econômica.

Com essa compreensão, **ao nos associarmos**, unindo nossa vontade à entidade que representa nossa escola, **poderemos contribuir para tornar sustentável a manutenção desta instituição**, que tem como premissa formar indivíduos em liberdade, capazes de se colocarem frente à vida de forma transformadora e com o desejo verdadeiro de buscar um mundo melhor, mais fraterno e justo. Além disso, quando nos apoderamos dos conteúdos que norteiam a administração dessa organização, teremos a oportunidade de vivenciar práticas que certamente enriquecerão, também, nosso caminho de desenvolvimento individual.

Para FILIAÇÃO procurem a Tesouraria da Escola e CADASTREM-SE!

“... Eu ocupo um lugar que nenhum outro pode preencher. Através de mim o mundo muda, quer eu perceba ou não.” Ulrich Schafer

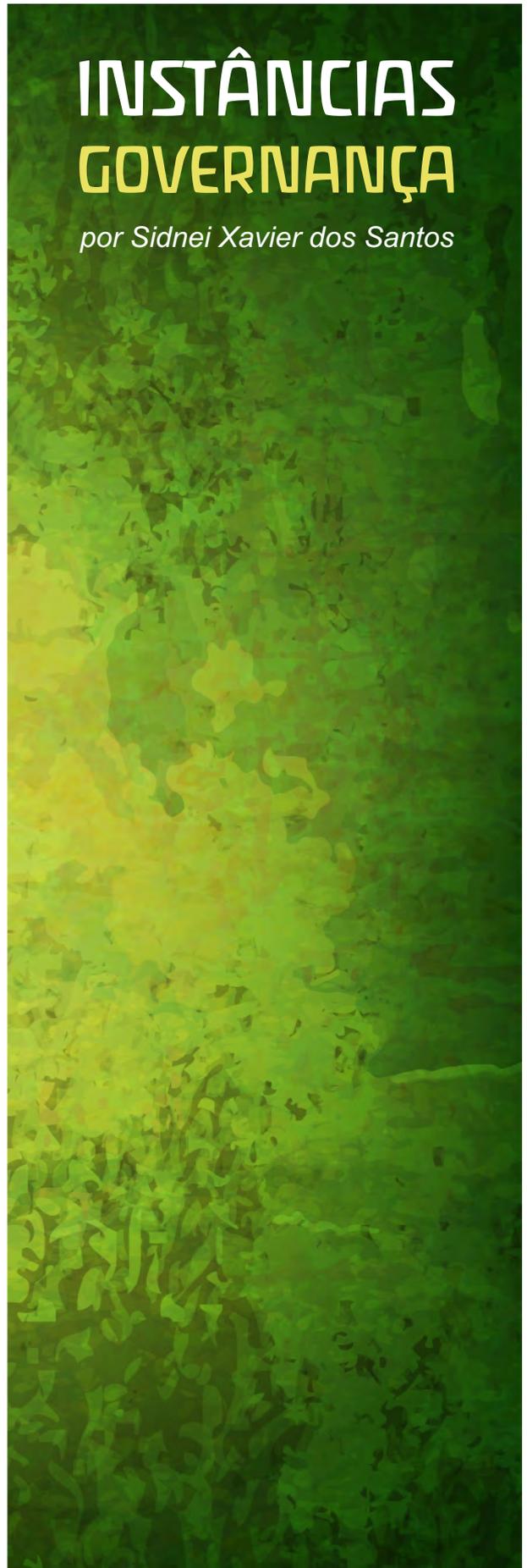
Grupo de Governança da Escola Waldorf Francisco de Assis é a instância que representa os professores frente aos demais órgãos internos e externos, como a Secretaria de Educação e Diretoria de Ensino. O Grupo tem como tarefa principal apoiar e coordenar a gestão pedagógica da escola, proporcionando condições para o melhor desenvolvimento dos professores em sala de aula. Para que o aprimoramento pedagógico aconteça, o grupo conta com o apoio das diversas comissões de trabalho da escola, que executam tarefas primordiais para o bom funcionamento em nosso dia-a-dia. Ao Grupo de Governança cabe ficar atento às principais demandas de professores, alunos e pais no que tange às necessidades pedagógicas da escola, acompanhando a elaboração e aprimoramento dos currículos, avaliação e desenvolvimento de professores, discussões pedagógicas pertinentes a cada nível de ensino e todas as questões de ordem geral que precisem de um direcionamento dentro das concepções de uma Pedagogia Waldorf.

Para tanto, o Grupo de Governança é formado por professores dos três níveis de ensino, eleitos na Reunião Geral de Professores, com mandato de 3 anos, segundo critérios já estabelecidos em Regimento. Esse formato visa contemplar uma visão ampla sobre todos os meandros da escola, de modo que se possa sempre obter uma perspectiva plural e fundamentada para as tomadas de decisão que cabem ao grupo. Com o trabalho paralelo e conjunto de Diretoria Executiva e Conselho de Pais (Gru-Pão), o Grupo de Governança procura dar suporte às necessidades mais essenciais de uma escola Waldorf, que é a educação de crianças segundo os princípios da pedagogia criada por Rudolf Steiner.

Hoje, o grupo é formado pelos professores: Juliana Herbst Carnielli (Jardim); Yolanda Maria Herculano Correia Coelho (3º ano); Neuzira Farinazzo Ferreira (7º ano); Sandra Aparecida Gonzales Cuzzo (Trabalhos Manuais); Marco Antônio Ferreira (Educação Física, tutor do 9º ano); Ângela Maria Bernardo (Artes Aplicadas, tutora do 11º ano); Sidnei Xavier dos Santos (Língua e Literatura, tutor do 10º ano).

INSTÂNCIAS GOVERNANÇA

por Sidnei Xavier dos Santos



INSTÂNCIAS

Conselho de Pais (-G r u - P ã o)

por Sandra Regina da
Silva Brugnoli Bouças

"A Educação Waldorf
não é um sistema,
mas uma arte: a arte
de despertar o que
realmente está dentro
do ser humano."
(Rudolf Steiner)

A partir da citação de Steiner, não podemos nos furtar das reflexões que nos levariam a concretizar ações com o objetivo de despertar o que está dentro de nós. Lançar-nos em direção ao desafio de despertar o que somos essencialmente pressupõe um movimento coletivo. Este se inicia no projeto familiar para então transbordar e se transformar numa comunhão de um projeto escolar.

A gestão na Pedagogia Waldorf pressupõe corresponsabilidade. Todas as famílias e educadores (as) imbuídos da missão de promover o ambiente mais apropriado para o florescimento das potencialidades humanas e o desenvolvimento da integralidade do ser.

Para o alcance de tão nobres objetivos, a ação dos (as) Representantes de Classe é de extrema relevância, pois estabelece apoio e parceria ao (à) professor (a), elo entre este (a) e as famílias da classe. Cada classe, concebida como uma constelação, conta com a disponibilidade de um (a) ou mais pais e mães que, delicadamente, colocam-se à disposição das necessidades. *Acolhimento* é a palavra que define a atuação do (a) representante que precisa encontrar o equilíbrio necessário para a sua participação de forma a compreender e respeitar o ritmo da constelação.

Cada uma das constelações compõe o conjunto de um projeto maior, a Escola e, para que caminhemos numa mesma direção, o grupo de Representantes se constitui também como um grupo organizado que se encontra uma vez por mês, a última terça-feira, para acolhimento das demandas da comunidade, deliberações, planejamento de estratégias e ações.

Vivenciar a experiência da representação é uma oportunidade de contribuir para o desenvolvimento social e, conseqüentemente ao autodesenvolvimento. Este texto se encerra com um verso de Steiner que contempla, em poucas linhas, toda a mensagem pretendida:

"A verdade vivenciada em conjunto é força de vida na aspiração da humanidade."

A VIDA EM VERSO



Numa noite abençoada
Uma fogueira anuncia a chegada
De um pequeno menino que as estrelas lia
E a noite a sabedoria recebia

O menino cresceu
E o passado compreendeu
Tornou-se o mensageiro
Daquele que seria o cordeiro

João é a reflexão
Em um inverno que é a inspiração
Um bonito ouro colore o firmamento
E os dias frios nos levam ao recolhimento

Em volta da fogueira a festa acontece
E o fogo purifica, transforma e aquece
Dentro de nós desperta o impulso celestial
E nos lembra que o caminho é individual

Quando eu era pequeníninho
Eu me lembro com muito carinho
De uma noite iluminada,
Cheia de cores, música e bandeiras penduradas

Havia quadrilha, canjica, quentão
Havia alegria, um grande mastro e balão
João é o agradecimento do que a colheita nos deu
É a consciência do homem que o batismo concebeu

João é aquele que mostra o futuro
Aquele que venera ainda no útero prematuro
João é ouvir a voz no silêncio do coração
É o esforço pessoal que nos leva a construir uma união

São João é a festa do homem que procura crescimento
E num grande festejo transforma sentimentos e pensamentos
São João, são João
Acende a fogueira do meu coração

Carolina Gulyas Figueiredo
(Professora Biologia do Ensino Médio)

AGENDA

JUNHO

- 18 - Ensaio Geral Festa Junina
- 21 - Economia Viva
- 23 - Reunião 5º e 7º ano
- 25 - Festa Junina
- 27 a 30 Férias

JULHO

- 1 a 26 - Férias
- 27 a 29 Planejamento

AGOSTO

- 01 - Início 2º semestre
- 04 - Reunião 5º ano
- 11 - Reunião 3º, 10º e 11º ano
- 13 - Reunião 1º ano
- 18 - Reunião 6º, 9º e 12º ano
- 25 - Reunião 8º ano
- 26 - Festa do Folclore
- 27 - Reunião 4º ano

